

Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão.

Paula Inez Cunha Gomide

Resumo

Pesquisadores de todo mundo apontam para os efeitos nocivos da violência da televisão sobre crianças e adolescentes. Os programas infantis em lugar de educar e transmitir valores morais e éticos estão cada vez mais focalizando violência e cenas de “alto risco” para o desenvolvimento infantil. Esta pesquisa foi elaborada para avaliar o número de HS/TV semanais assistidas por crianças e adolescentes curitibanos. Os dados foram levantados entre 825 participantes, do sexo masculino e feminino, de classe alta e baixa, com idade entre 7 e 17 anos. A média HS/TV semanais foi de 26,46. Perguntou-se aos participantes seus programas preferidos e os dez de maior frequência foram relacionados. Três deles receberam pareceres de especialistas recomendando-os ou não. Tivemos também o objetivo de fornecer subsídios à Comissão da Criança e do Adolescente da OAB-PR para a elaboração de um Projeto de Lei que visa regulamentar a programação infantil das emissoras de televisão brasileira.

Abstract

Researchers from all the world point out the negatives effects of TV violence on children and adolescents. Child's programs instead of educating and showing values like ethics and moral behavior, are increasingly getting focusing on violence and high risk scenes for the child development. This research was addressed to analyze how many hours a week children and adolescents watch TV. We interviewed 825 participants male and female from high and low social level, from 7 to 17 years old. We found out that the average was of

26,46 HS/TV a week. We asked participants what their favorite programs were and then we listed the 10 most frequent. Three out of 10 were addressed to specialist to recommend or not them. We also has the purpose of get data to The Child and Adolescent Commission-OAB-PR in order to built a Law Project which could getting rules to Child Programs in Brazilian Television.

Em frente à TV 3

Crianças e Adolescentes em Frente à TV: O Que e Quanto Assistem de Televisão.

Benjamim Spock, importante pediatra americano, em comunicação pessoal (1987, in Strasburger, 1999)) fez a seguinte afirmativa: “Até que a televisão venha a ter programas interessantes e úteis para as crianças, os pais podem simplesmente se livrar do aparelho. Isto evitará que seus filhos sejam brutalizados pela violência e que se tornem passivos por longas horas de imobilizada atenção”.

Strasburger (1999) e Carlsson & Feilitzen (1999) apresentam uma revisão bibliográfica atual e contundente demonstrando todos os efeitos nocivos das informações advindas da televisão para o aumento do comportamento agressivo, a sexualidade, a nutrição e o uso de drogas em crianças e adolescentes.

As perguntas básicas sobre a influência da mídia sobre o comportamento humano foram feitas e as pesquisas científicas procuraram encaminhar cada uma destas questões buscando respondê-las. Pesquisadores perguntaram: “são os meios de comunicação potencialmente perigosos para os adolescentes ou simplesmente oferecem diversão e entretenimento durante um período de imenso desenvolvimento, crescimento e estresse? Será que os adolescentes são mais suscetíveis aos meios de comunicação que os adultos? Os meios de comunicação prosociais podem ensinar estilos de vida saudáveis aos adolescentes, assim como podem ensiná-los sobre o processo de tomada de decisões? Será que aqueles que criticam os meios de comunicação são simplesmente “caretões” ou são estudiosos sérios que observam as pesquisas das ciências sociais e vêem razões para alarme?”. Estudos e exames da literatura apontam para a violência na mídia como uma das causas da violência na vida real. Tais efeitos são largamente demonstrados em toda a literatura científica, a ponto de Eron (1993), um pesquisador proeminente, afirmar que o “O debate científico terminou”, ou seja, a conexão básica entre a exposição à violência nos meios de comunicação e o aumento de comportamento agressivo em jovens e crianças foi tão largamente demonstrado nas últimas duas décadas que pesquisas nesta área parecem tornar-se repetitivas. Cerca de 3.500 pesquisas sobre os efeitos da violência na televisão sobre os espectadores foram conduzidos nos EUA nos últimos 40 anos.

Muitos estudos têm demonstrado a capacidade da televisão em transmitir informações e moldar atitudes sociais. A televisão pode segundo estas pesquisas:

- Influenciar as percepções dos espectadores sobre o que constitui “o mundo real” e o comportamento social normal (Bandura, 1977; Hawkins & Pingree, 1982). Aqueles que assistem a muitas horas de televisão acreditam que o mundo é tal como é visto através dos programas, ou seja, com violência, estupro, assassinato, uso de drogas, etc. Uma pesquisa recente mostrou que as crianças e adolescentes assistem, em média, 10000 cenas violentas por ano (Strasburger, 1999). Pessoas que vêem televisão por muito tempo estão propensas a crer que a televisão exhibe o mundo real ou então que o mundo real deve conformar-se com as regras da televisão (Gerbner, Gross, Morgan & Signorielli, 1994). Diz Huesmann (1986) “Os hábitos agressivos parecem ser aprendidos cedo na vida, são resistentes à mudanças e predizem um comportamento anti-social adulto sério. Se a observação da violência nos meios de comunicação, por uma criança, promover a aprendizagem de hábitos agressivos, isto pode ter conseqüências prejudiciais durante toda a vida.” Segundo Auletta (1993) “se houvessem menos imagens violentas, menos pessoas poderiam ser levadas a buscar soluções violentas.”
- Ajudar a moldar normas culturais (Gerbner, 1985; Greenberg, 1982). A criança média americana passa 23 horas por semana assistindo televisão, isto significa que 23 horas não são gastas brincando com amigos, lendo ou fazendo os deveres escolares. Se a violência é interpretada como “justificável” pela criança, ela introjeta este comportamento como correto, a ponto de imitá-lo em situação futura similar. Os filmes com herói, onde a violência é “politicamente correta” sempre exalta as conquistas do protagonista atribuindo-a a sua coragem, ligada à violência cometida. Na medida em que a violência é vista como uma solução necessária e aceitável para os problemas complexos ela é fortemente reforçada (Dominick & Greenberg, 1972). Nas palavras de um reconhecido produtor hollywoodiano “Eu estaria mentindo, se dissesse que as pessoas não imitam o que vêem na tela. Eu seria um idiota, se dissesse que isto não ocorre, porque basta observar como o estilo da moda muda. Temos pessoas que desejam parecer com Julia Roberts, Miclelle Pfeiffer e Madonna. É claro que imitamos.

Seria impossível pensar que imitariam nossas roupas, nossas músicas, nossa aparência, mas não imitaríamos nossa violência ou nossas ações Auletta (1993).”

- Tornar as pessoas menos solidárias. A exposição à violência como entretenimento realmente torna as pessoas mais indiferentes ao sofrimento dos outros (Cline, Croft & Courier, 1973). Após a exposição a uma série de filmes exibindo violência sangrenta (carnificina) contra mulheres, estudantes universitários do sexo masculino, mostraram-se menos empáticos para com uma suposta vítima de estupro e mais inclinados a considerá-la responsável (McIntyre & Teevan, 1972). Neste sentido, a exposição à violência na televisão pode tornar crianças e adolescentes mais tolerantes à agressão de outras crianças (Drabman & Thomas, 1974)
- Aumentar significativamente o comportamento agressivo de crianças e adolescentes após a exposição a filmes violentos (Gomide, 2000). Crianças e adolescentes apresentam um maior número de comportamentos agressivos em jogo de futebol após assistirem a filmes como Kids, TimeCop – O Guardião do Tempo, Mortal Kombat e Marcas do Silêncio; por outro lado, o nível de comportamento agressivo permanece inalterado e até mesmo diminui após assistirem a filmes como Águas Perigosas (filme de cooperação) e Babe, o porquinho trapalhão.
- Transmitir mensagens importantes e dignas de crédito sobre os comportamentos que exibe (Bandura, 1977; Roberts, 1982). Ela é uma importante fonte de informações para adolescentes sobre sexo e drogas e, pode ser em alguns casos, a principal, se não a única, instrução recebida sobre este assunto, quando os jovens não recebem esta espécie de instrução na escola, em casa ou na igreja. As atitudes dos adolescentes são maleáveis e a TV pode dar-lhes, seu primeiro vislumbre real sobre o secreto mundo adulto do sexo, das drogas e do sucesso, muito antes de serem capazes de aprender por si mesmos. A televisão dá ao jovem o roteiro acerca de como os adultos supostamente devem agir; ela os ensina sobre os papéis do gênero, resolução de conflitos, padrões de namoro e gratificação sexual e métodos para lidarem com o estresse (Gagnon & Simon, 1987; Silverman-Watkins, 1983)

A teoria da catarse, que previa que através de filmes e cenas de violência poder-se-ia liberar a emoção reprimida, não tem sido confirmada em espectadores de filmes

violentos (Berkowitz & Rawlings, 1963; Comstock & Strasburger, 1990; Ellis & Sekrya, 1972; Gunter, 1994; Huesmann, 1982, 1986).

É importante lembrar que a maior influência da televisão no comportamento humano é indireta, sutil e cumulativa – não imediata e direta. De forma que a formação do conceito e de atitudes referentes a sexo, uso de drogas, resolução de conflitos, aquisição de hábitos alimentares, constituição da família e outros valores importantes que favorecem o viver em sociedade, de maneira saudável e harmoniosa, quando não feitos pela família, podem estar sendo feitos pela televisão. Diz Strasburger (1999) **“toda televisão é televisão com fins educativos. A única questão é: O que ela está ensinando?”** A tragédia da televisão é que ela é 90% potencialmente prejudicial para crianças e adolescentes e apenas 10% útil socialmente; quando, na verdade, essas porcentagens deveriam ser invertidas em uma sociedade responsável, visto que a quantidade de violência e sexo casual na televisão está drasticamente fora da proporção com a vida real. Diz Moganstein (1972) “Jamais tanta violência foi mostrada de maneira tão gratificante, para tantas pessoas”.

A grande controvérsia, visto que a decisão sobre o que informar pela televisão está nas mãos dos adultos, é que os adultos não compreendem e se recusam a crer que as crianças vêem televisão diferentemente deles próprios. A maioria dos adultos reconhece que a televisão é fantasia, entretenimento e, freqüentemente, irreal. As crianças não são capazes desta discriminação. Porém, esperar que a indústria reconheça a conexão entre violência na mídia e a violência na vida real pode ser tão razoável quanto esperar que os executivos das companhias de tabaco admitam que fumar cigarros causa câncer (Centerwall, 1992a, 1992b).

Os norte-americanos têm a taxa mais alta de assassinatos que qualquer outra nação do mundo. Entre os jovens o homicídio é a segunda causa de morte, sendo a de número um para os negros. Os adolescentes são responsáveis por 24% dos crimes violentos. Paralelo a este fato, uma criança norte-americana comum terá visto, ao terminar o primeiro grau, mais de 8 mil assassinatos e mais de 100 mil outros atos de violência na TV (Wartella, Olivarez & Jennings, 1999). Além disso, é sabido que são os EUA que distribuem a maior parte da violência da mídia no mundo todo. Feilitzen (1999) compara a programação americana com a alemã e encontra que a primeira é quatro vezes maior que a segunda.

As opiniões sobre os efeitos da televisão sobre as crianças poderiam ser resumidas em três pontos: os que consideram que os efeitos da violência são devastadores; os que admitem que ela é um espelho da realidade social e uma terceira posição em que tudo é visto como relativo, onde se acredita que a relação que as crianças e adolescentes estabelecem com a televisão depende de sua família, ambiente social, características pessoais, etc. (Merlo-Flores, 1999). Esta autora propõe que a televisão age em dois níveis sobre as crianças. Estes níveis podem se sobrepor e são simultâneos. No primeiro nível, crianças e adolescentes extraem elementos da linguagem, do jeito de vestir, dos temas sociais e de relacionamento para se comunicar, assim construindo uma cultura televisiva. Num segundo nível, os conteúdos dos programas agem como mecanismos compensatórios que se manifestam quando há algum tipo de deficiência, individual ou social. A hipótese da autora é a de que embora as crianças com uma estrutura de personalidade agressiva liberem esta agressividade inicialmente ao assistirem programas violentos, a longo prazo, isto reforçaria suas potencialidades agressivas. Além disso, elas terão aprendido múltiplas formas alternativas de manifestar a agressão e de justificá-las como meio legítimo de alcançar seus objetivos. Pois sejam bons ou maus, heróis ou bandidos, desenho animado, ficção científica ou personagens reais, tudo e todos mostram que a violência é a forma mais rápida, mais eficiente e sem consequência para resolver os problemas e alcançar objetivos.

Na pesquisa de Merlo-Flores (1999) encontrou-se que a identificação da criança com um personagem da televisão sempre estava presente quando havia problemas nos laços familiares; as crianças com sinais de agressão selecionavam as características violentas de seus personagens e programas favoritos. Oitenta e cinco por cento das crianças da amostra tinham algum tipo de conflito familiar; em contraste, em todos os casos de bons laços familiares, não foi encontrada identificação da criança com personagens da televisão. A identificação é um processo seletivo: ela responde às necessidades pessoais profundas e, portanto, pode-se inferir que a influência aconteça mais em um nível individual. Emoções, necessidades básicas de afeição são satisfeitas sonhando-se acordado em frente à televisão. De forma que a aprendizagem se dá em dois estágios: imitação e identificação. No início ela é feita através da imitação; ao se deparar com necessidades mais profundas, ocorre a identificação.

É importante que nos perguntemos aqui quais as conseqüências possíveis para as crianças expostas a uma programação cujo único objetivo é o consumo, sem uma consciência profunda do papel formativo e socializador que desempenha.

Um dos principais problemas encontrados refere-se ao contexto em que a violência é apresentada: a violência raramente é punida no contexto imediato em ocorre e raramente resulta em prejuízo observável para as vítimas. Além disso, poucos (4%) dos programas tem temas anti-violência.

Uma pesquisa conduzida por Wilson et al. (1999) examinou a quantidade e a forma como a violência é apresentada em 23 canais de televisão comercial e a cabo nos EUA. Foram amostrados 2757 programas, em 1995 e 96. Os resultados mostraram que 61% dos programas continham violência; são os canais de TV a cabo que apresentam a mais alta proporção (86%) de programas com violência. Os personagens bons normalmente são os que iniciam a agressão (40%), tornando o modelo atraente. Mais de um terço (37%) dos programas violentos apresentam personagens maus que não são ou raramente são punidos e, em 28% dos casos os “maus” são punidos apenas no final da história. Finalmente, 75% das cenas violentas não contêm qualquer punição para a agressão. É importante salientar que crianças menores de 7 anos têm dificuldades em associar uma cena violenta exibida no início do programa com a sua punição ao final do mesmo (em casos de novela, meses depois). Certas representações podem ser rotuladas de “alto risco” porque vários elementos da história, que causam agressão, estão presentes em uma mesma cena. Estas representações de alto risco envolvem: (1) um agressor que é atraente; (2) violência que parece justificada; (3) violência que fica sem punição (não há remorso, crítica ou penalidade); (4) conseqüências mínimas para a vítima e (5) violência que parece realística para o espectador.

Deve-se notar que aquilo que parece realístico varia de acordo com a idade do telespectador. Foi encontrado por Wilson et al (1999) que em uma típica semana de televisão, há mais de 800 representações de violência qualificada como de alto risco para crianças com menos de 7 anos. E, infelizmente, foram os programas infantis que mostraram os maiores números de violência de alto risco. Para as crianças mais velhas e adolescentes as representações de alto risco que encorajam agressão se encontram principalmente nos

filmes e produções dramáticas, isto quer dizer que eles são mais suscetíveis às representações mais realísticas de violência.

Os estudos japoneses (Kodaira, 1999) não encontraram correlação positiva entre programas violentos e agressividade nas crianças. Contudo, especialistas em psicologia infantil responsabilizaram o contexto social pelo fato de programas que exibiam violência terem se tornado tão populares no Japão. Segundo eles, as crianças japonesas, estimuladas por seu ambiente a estudar e a se esforçar, tinham a oportunidade de liberar vicariamente sua própria energia reprimida através de cenas e lutas entre heróis e monstros e também através de um personagem que podia se transformar em super-herói simplesmente gritando “*change*”. A natureza da violência apresentada na televisão japonesa é diferente da americana pois, no Japão as conseqüências da ação violenta são mostradas, dando-se ênfase ao sofrimento das vítimas. Wilson et al. (1999) salientam que demonstrar que a violência causa sérias conseqüências às vítimas é uma maneira de reduzir o risco de uma influência negativa sobre os telespectadores.

Objetivo

O objetivo desta pesquisa foi levantar o número de horas semanais que crianças e adolescentes de Curitiba assistem televisão; além disso, buscou-se também verificar se haviam diferenças entre sexo e classe social. Três dentre os programas preferidos pelos participantes foram levantados e encaminhados a pareceristas que opinaram sobre a sua adequação ou não para crianças e adolescentes.

Método

Participantes:

Participaram desta pesquisa 825, entre crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos de idade. Os participantes foram recrutados em colégios particulares de classe alta ($n= 440$; sendo 224 do sexo masculino e 216 do feminino) e em escolas estaduais ($n= 385$; 187 do sexo masculino e 198 do feminino) de Curitiba.

Instrumento:

Utilizou-se um formulário onde os participantes deveriam escrever o número de horas que assistiam televisão por dia, nos sete dias da semana. Além dos itens de identificação foi

solicitado, ao final do formulário, que cada participante nomeasse os cinco programas de televisão preferidos.

Procedimentos:

Após obterem a permissão da Direção da Escola e dos professores, os pesquisadores entraram nas salas de aula e explicaram aos alunos como deveriam responder ao formulário, prestando bastante atenção e sendo bem honestos. Foi dito a eles que colocassem em cada espaço em branco, após o dia da semana, o número de horas que assistiam televisão e que escrevessem nas linhas abaixo os seus cinco programas de televisão preferidos. A aplicação durou 10 minutos, em média.

Resultados

Utilizou-se o teste *t* de *Student* para comparação entre os grupos e o nível de significância adotado foi de .05. Inicialmente, procurou-se saber se haviam diferenças significativas entre sexo e classe social dos participantes. O teste estatístico mostrou que não haviam diferenças significativas entre os participantes do sexo feminino de classe alta quando comparados com os do sexo masculino da mesma classe ($t= 0,57$; $gl=82$; $p=0,569$); da mesma forma não foi encontrada diferença entre os sexos na classe baixa ($t= 0,88$; $gl=82$; $p=0,379$).

A média geral, para crianças e adolescentes, foi de 26,46 HS/TV semanais. Os participantes masculinos de classe alta apresentaram uma média $\underline{m}= 25,27$ HS/TV semanais e os do sexo feminino $\underline{m}= 22,17$ HS/TV semanais. As médias para os participantes da classe baixa aumentaram um pouco, sendo $\underline{m}=29,9$ para o sexo masculino e $\underline{m}=30,32$ para o feminino, como pode ser visto na figura 1.

Inserir fig 1 aproximadamente aqui

A seguir para se avaliar a influência da classe social foram comparadas as participantes femininas de classe alta com as de classe baixa e o resultado obtido foi um $t= 1,26$; $gl=82$; $p=0,211$; para o sexo masculino a comparação entre classes sociais apontou um $t=$ de 1,74; $gl=82$; $p=0,086$, ambos não significativos.

A figura 2 mostra a distribuição de HS/TV semanais assistidas pelos participantes da pesquisa, permitindo que se observe as diferenças na distribuição existente entre as classes sociais. Pode-se observar que nos três primeiros intervalos (0-7; 8-15 e 16-23) existem mais participantes de classe alta vendo TV do que de classe baixa; porém, nos intervalos posteriores observa-se que a tendência muda e a representação dos participantes de classe baixa assistindo TV é maior do que a dos de classe alta. Esta distribuição poderá estar refletindo uma deficiência de atividades alternativas para as crianças e adolescentes das classes mais desfavorecidas, restando somente a eles os programas de televisão como forma de lazer; por outro lado, as crianças e adolescentes de classe alta tem outras atividades, como inglês, esporte, vídeos-game, clube, brinquedos, que são alternativas interessantes que competem com a televisão

inserir figura 2 aproximadamente aqui

Esta informação pode ser melhor visualizada na Tabela 1, que mostra que a maioria dos participantes de classe alta concentraram as HS/TV em até 30 horas semanais (75,22%), já os de classe baixa tem uma distribuição alta de 40%, que assistem entre 31 e 70 horas por semana.

Inserir Tabela 1 aproximadamente aqui

A segunda questão proposta na pesquisa dizia respeito aos programas preferidos pelos participantes. Entre todos os programas de televisão listados, foram computados os dez mais citados, que são apresentados na Tabela 2. Os participantes citaram, em alta frequência, os filmes assistidos. Porém, como eram muito variados, infelizmente não puderam ser tabulados e analisados. Restringimos nossa análise aos programas semanais, que se repetem e, portanto, poderiam ser avaliados pelos especialistas.

Inserir Tabela 2 aproximadamente aqui

Alguns dos programas assistidos pelos participantes foram submetidos a especialistas. Estes especialistas eram professores da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Estadual e Londrina, mestres e doutores, com formação na área da Educação Infantil e da Família. Eles analisaram os conteúdos programáticos e adequabilidade dos mesmos à população a que se destinam. Os pareceres, sobre três deles estão apresentados no Quadro I.

QUADRO I

Programa do Ratinho

Quanto ao horário do programa: O programa em questão é exibido às 21:00 horas. É um horário que na televisão é considerado nobre, justamente por constituir um dos períodos de maior audiência. Neste horário é comum famílias inteiras estarem à frente dos televisores, constituindo em muitos contextos, a oportunidade da criança usufruir da presença dos pais e demais familiares.

Quanto às temáticas abordadas: O Programa do ratinho tende a trazer para a televisão temas sociais polêmicos, que estejam no momento em foco na sociedade.

A forma de abordagem dos temas: Os conteúdos tendem a ser explorados de forma sensacionalista, procurando expor cenas chocantes que sensibilizem o público. As próprias chamadas, como “é melhor tirar as crianças da sala, pois o que iremos ver é muito forte” só serve para aguçar o interesse das crianças para acompanharem o programa até o final. Toda situação tem múltiplas facetas, mas o apresentador acentua apenas o lado mais chocante e pesado do fato, o tempo todo estimulando reações de revolta e indignação dos telespectadores em relação ao tema, ao apresentar a sua opinião sobre o assunto, bem como conclamando a que se posicionem contra “esta barbaridade” (um dos clichês verbais do apresentador). A inclusão de personagens lúdicos, como o ratinho de gravata e bigode, chamam a atenção das crianças, dando ao programa uma falsa aparência de programa dirigido a crianças. Ao incluir a apresentação de cantores, ou outros personagens idolatrados por diversas camadas da população, o programa soa com mais leveza, em contraposição às cenas fortes e chocantes exibidas muitas vezes no mesmo programa, confundindo ainda mais a delimitação de apropriação para determinada faixa etária. Como podem pais proibir crianças de ver um programa com apresentação musical, ou no qual um boneco em forma de ratinho falante desperta a atenção de crianças?

Como as crianças adquirem novos repertórios comportamentais e passam a lidar com as situações do contexto: Desde muito cedo a criança age sobre o ambiente (seu choro mobiliza a ação de pessoas para atendê-la), ao mesmo tempo em que ela também sofre a ação deste ambiente. Suas condutas vão aos poucos sendo moldadas nesta relação dialética ambiente interno – ambiente externo. A história única de aprendizagem faz com que gradualmente cada criança vá constituindo a sua forma particular de lidar com o ambiente,

bem como construa o seu repertório comportamental. Segundo Bijou e Ribes (1996), “a ação seletiva do ambiente retém no repertório das crianças as condutas funcionais e que lhes permitem enfrentar-se tanto com as demandas complexas das situações experimentais, como às do meio natural”. Estamos até aqui, discutindo a aquisição de novas respostas e manutenção das mesmas no repertório do indivíduo, em decorrência das conseqüências, que são melhor abordadas teoricamente, ao analisarmos os princípios do condicionamento operante. Bandura (19) analisa comportamentos que são adquiridos sem que a pessoa tenha sido exposta diretamente a determinadas situações de aprendizado, citando um processo no qual ao observar outra pessoa emitindo uma conduta que seja seguida de algo agradável (reforçada), em outro momento o observador possa emitir o comportamento que viu no passado ser apresentado por outrem e que foi seguido de uma conseqüência agradável. Denomina este tipo de aprendizagem pelo termo modelação. Argumenta que ao observar um modelo (pessoa comportando-se que seja significativa para aquele indivíduo), as pessoas podem apresentar em outros momentos, condutas semelhantes às do modelo. Assim, podemos dizer que novas condutas surgem tanto da experiência direta do indivíduo, ao ser exposto à situação e vivenciar as conseqüências de sua ação, como por observar condutas emitidas por pessoas que lhe sejam significativas. Considerando que a modelação pode ocorrer não somente através da observação direta de comportamentos sendo apresentados, mas também através da observação de condutas sendo emitidas por personagens de televisão, pode-se avaliar a importância e responsabilidade dos atores e profissionais que atuam na televisão, cujas condutas podem vir a ser observadas por milhares de crianças, que tentarão imitá-los em momentos futuros. Ao constatarmos que lidamos com as situações que a vida nos impõe de acordo com o nosso aprendizado anterior, ou seja, calcado nas nossas histórias de aprendizagem, surge de forma intensa, novamente o compromisso que os meios de comunicação tem, na formação dos futuros cidadãos. Trata-se de um programa que se propõe a denunciar injustiças, assumindo desta forma uma aparência de paladino dos pobres e oprimidos, que abusa de cenas chocantes para mobilizar a opinião pública. Se por um lado estimula o senso crítico de crianças, por outro tende a induzi-las a adotarem o ponto de vista do apresentador, tamanha é a veemência com que as opiniões são expressas. Crianças, abaixo de 12 anos, assistirem esta programação sem um acompanhamento dos pais esclarecidos, que possam estar com ela

discutindo os pontos apresentados, pode constituir um ponto de risco para um desenvolvimento emocional saudável.

Parecer final : Inadequado, não recomendado para crianças menores de 12 anos.

Angel Mix

Análise do conteúdo do programa: Trata-se de uma seqüência de desenhos animados bastante variados, nacionais e estrangeiros, de “Maurício” a “Hanna Barbera”, de “Mônica” ao “demônio da Tasmânia”. Os desenhos são entremeados por filmes e “Jketches”, tudo isto ordenado, segundo o que foi possível observar, em função da idade dos prováveis telespectadores que, como a própria cena de abertura indica, são crianças de classe média, com famílias “regulares”, pais empregados e bem vestidos. Durante a primeira parte da manhã, os desenhos e temas são mais voltados à criança pequena, com a “Abelhinha Guerreira”, os “Teletubbies”; mais próximo das crianças maiores, na segunda parte da manhã, o exemplo seria “O Superman”! A apresentadora, Angélica, abre e fecha o “Angel Mix”, anunciando como um “mix de aventura e animação”, introduzindo cada um dos desenhos, filmes ou “Jketches” que compõem o programa, em cada manhã. Além de, em alguns intervalos, vender seus próprios produtos (CDs, por exemplo), a apresentadora é, pelas suas frases e mensagens, uma transmissora e reforçadora de valores tradicionais, muito caros ao “establishment”, hoje simbolizados pelo “individualismo competitivo” e pelo “voluntariado”, substituindo o estado de bem estar social. Durante todo o programa, nos intervalos comerciais, ou a Globo vende seus próprios programas aos telespectadores da manhã ou as crianças que assistem ao “Angel Mix” são expostas às propagandas das inúmeras “mercadorias” que “enchem” suas barriguinhas sem nutri-las (sanduíches, biscoitos e salgadinhos) ou ocupam suas mãos e cabeça, mas quase nunca estimulam seu efetivo desenvolvimento intelectual, físico e emocional (brinquedos os mais diversos). Dois “Jketches” do “Angel Mix” aqui serão destacados: os “Teletubbies” e o “Flora Encantada”. O primeiro, segundo consta, é dirigido a crianças de até 2 anos, sendo produzido sob orientação de base psicológica! São bonecos, que em uma onda de consumismo exacerbado, foram comprados pelos pais de crianças pequenas como brinquedos. Tais bonecos — crianças aparecem fazendo repetitivamente, diariamente, os mesmos gestos,

emitindo os mesmos sons, as mesmas palavras e seus nomes, aparecendo e desaparecendo e apresentando noções simples como frente e costas, tudo isto sob o sorriso de um sol-bebê. Pode-se aqui dizer que primeiramente bebezinhos em frente à televisão, em qualquer hipótese é uma cena desoladora. Inclusive, já são conhecidos casos de crianças bem pequenas que limitam-se a repetir os “Teletubbies”, sem avançar. Quanto ao “Flora Encantada”, mais recentemente introduzido no “Angel Mix”, verificou-se ser uma proposta que busca estimular nas crianças comportamentos e atitudes ecológicas. Estruturado também sob a lógica maniqueísta (turma do bem e turma do mal), como quase todo o programa, a visão de ecologia que é passada, apoia-se no entendimento estreito de “nicho ecológico”. Assim, afirma-se a possibilidade da existência numa grande cidade (supostamente poluída) e segundo o que se pode deduzir, de um lugar “preservado”, a casa da Flora chamada Raiz, onde se “pratica” comportamentos ecológicos, um local eticamente correto, pois Flora é ajudada por 3 meninos, um branco, um índio e um negro: todos estes soldados, comandados por Flora, combatem a vilã, a Ganância (o novo nome do “capital” ou mercado!) que não é uma bruxa e sim uma gorda! A nutrição diz que não há mais fome! A descontextualização e a falta de concretude de que se reveste a abordagem da questão ecológica, no programa, não permite que as orientações dadas às crianças no mesmo, e que são, às vezes, corretas, direcionem hábitos e atitudes a serem desenvolvidos. Sem um caráter efetivamente educativo e transformador. Além do mais, algumas informações divulgadas, não são cientificamente corretas. Por exemplo: alimento de beija-flor é água com açúcar. Por outro lado, há um traço anti-histórico que marca quase todas as falas da protagonista principal, Flora. Ela afirma e reafirma que só é ecologicamente correto o que é natural, sejam alimentos ou outros objetos, sem a devida clareza, passando para as crianças uma noção equivocada, que nos levaria como direção histórica, a voltar a roda da história humana para trás.

Parecer final: Ainda que o programa “Angel Mix” apresente momentos em que certas falas e situações possam expressar preocupações com a divulgação de “valores” e inclusive alguma intenção educativa, no todo, não pode ser recomendado como adequado para as crianças pequenas ou em idade escolar, do ponto de vista de uma educação que visa a humanização como projeto histórico.

Planeta Xuxa e Xuxa Park

Quanto às temáticas abordadas: O Xuxa Park é um programa infantil com apresentações musicais da apresentadora e de outros convidados, com brincadeira do tipo gincana e competição para as crianças, com desenhos animados, aulas de inglês, dança, etc. O Planeta Xuxa tem apresentações musicais de convidados, uma entrevista com uma pessoa famosa, artistas internacionais, clips, jogos com artistas, etc.

A forma de abordagem dos temas: No Xuxa Park os temas são abordados em uma linguagem bem infantil, a apresentadora se fantasia durante as músicas que canta, canta músicas com temas educativos (por ex., para as crianças tomarem banho todos os dias, que é bom tomar banho). No Planeta Xuxa a platéia é alegre e participa bastante, os temas abordados são mais controversos. Na entrevista a apresentadora faz perguntas íntimas aos entrevistados, conversam bastante sobre sexo, relacionamento amoroso e vida privada. Há momentos e realização de fantasias de beleza e sucesso a sua platéia. Durante as atividades realizadas no programa, a apresentadora reforça o comportamento de seus convidados e do público (que assiste ao vivo) de demonstrar amor extremo à ela (ou mesmo à sua filha), aprovação de suas condutas na vida particular ou pública, bem como, cria um clima de envolvimento afetivo intenso. Em meio a este contexto emocional, que aumenta a atenção do telespectador, são apresentados os comerciais dos patrocinadores, muitos deles relacionados à venda de produtos que levam a sua imagem e identidade.

Processos pelos quais as crianças aprendem: As ações, sentimentos, crenças, conceitos, regras de conduta, valores e sensações que cada ser humano apresenta nas várias etapas de suas vidas, decorrem de suas experiências passadas (o processo de aprendizagem a que se expôs num determinado contexto) e das contingências atuais que o afetam, fortalecendo ou modificando seu padrão. Os processos de aprendizagem através dos quais se dá o desenvolvimento pessoal, único e singular, podem ser diretos ou indiretos. Nos processos diretos, a pessoa é exposta a uma condição, apresenta uma resposta e esta determinada ação, produz uma consequência que fortalece todas as sensações sentimentos e cognições associadas à conduta evidenciada. Indiretamente, a pessoa é exposta ao comportamento de outras pessoas e a observação das consequências do mesmo, pode aumentar ou não a

probabilidade de que emita a mesma conduta neste contexto. Quanto maior o afeto e o apreço sentido pela pessoa observada, somado ao sucesso que ela obtém, maior a probabilidade de que a eleja como “modelo”. Outra forma de aprendizagem indireta dá-se através do comportamento verbal das pessoas. As pessoas podem relatar ou não o que fazem e quais conseqüências esperar. Isso também promove a apresentação de determinadas reações, que podem ser mantidas apenas por reforçamento social. A maior parte da aprendizagem humana, sabe-se, é mediada verbalmente. Isso justifica a preocupação com a mídia, principalmente a dedicada às crianças e adolescentes.

Parecer final: É importante estar atento ao caráter emocional envolvente do programa (que aumenta seu poder de influência) e as estratégias de valorização da pessoa e da conduta da apresentadora, uma pessoa altamente bem sucedida (que aumenta a probabilidade de ser escolhida como “modelo”, tanto em suas condutas sociais como na vida privada). É provável que crianças, pré-adolescentes e adolescentes não consigam avaliar os comportamentos das pessoas dentro do contexto que lhes é peculiar. Embora, os mais velhos desta faixa possam conceber várias alternativas de conduta, não são necessariamente hábeis ainda para avaliar as conseqüências de cada uma delas nos vários contextos que podem existir. Cabe ressaltar que as entrevistas de conteúdo sexual não são adequadas à clientela infantil. Com as devidas ressalvas poder-se-ia considerar, os programas adequados às faixas etárias que se propõem, no entanto os pais devem estar atentos tanto à força do contexto criado no programa quanto ao carisma da apresentadora, enquanto modelo provável ou, mesmo, indicadora verbal e indireta de normas de conduta. Muitas vezes descrições de condutas pessoais podem ser entendidas pelas pessoas como indicadores de ações que devem ser apresentadas por elas, pelas quais serão aprovadas. Recomenda-se que tais programas sejam assistidos criticamente, comentados pelos pais com os filhos e não tidos como ingênuos, pois, à despeito deste ou daquela norma de conduta que indiretamente possam indicar, são fortes formadores potenciais de valores e opiniões.

Discussão

Esta pesquisa foi realizada para levantar o número de horas semanais que crianças e adolescentes curitibanos assistem à televisão brasileira. A principal preocupação norteadora deste trabalho foi a de respaldar o Projeto de Lei, ora elaborado pela Comissão da Criança e do Adolescente da OAB-PR, que visa regulamentar o número de horas de exibição de Programas Educativos pelas Emissoras de Televisão Brasileira. A Comissão estabeleceu algumas premissas básicas, que estão servindo para a formulação deste Projeto de Lei, ou seja: a) A obrigatoriedade de um mínimo de 14 horas semanais de “programas educativos”, os quais deverão ter um parecer de um comitê de especialistas indicado pelo Conselho Federal de Educação; b) Os demais programas exibidos das 8 da manhã às 8 da noite deverão ser apresentados após a exibição de um aviso que oriente os pais sobre a adequação do programa para seus filhos, a saber: Sinal verde: adequado para toda a família; sinal amarelo: inadequado para crianças abaixo de 7 anos e sinal vermelho: apenas para adultos; e c) Os filmes de violência e sexo deverão ser exibidos apenas após as 21 horas.

Este levantamento mostrou que as crianças e adolescentes curitibanos assistem em média 26,46 HS/TV semanais, portanto mais que as crianças e adolescentes americanos que assistem, em média a 23 HS/TV semanais (Strasburger, 1999). É importante salientar que estes dados, tanto americanos como nacionais referem-se apenas a HS/TV, excluindo-se daí filmes de vídeos e videos-games, o que certamente se computados, elevariam muito esta média.

Os programas preferidos pelas crianças e adolescentes, como visto pelos pareceres técnicos dos especialistas, são de baixa qualidade e, via de regra, não recomendados para esta população. É preciso salientar aqui que os programas noturnos, vistos pelos participantes são programas de toda a família, não necessariamente escolhidos pelas crianças. Estes programas têm conteúdos de “alto risco” para crianças que os assistem e os pais não estão apropriadamente esclarecidos sobre estes riscos.

Além disso, Nilsson (1999) revela que os desenhos vêm tomando conta das programações infantis, ou seja, em 1981 constituíam 10%; em 1994, 25% e atualmente chegam a representar 33% da programação dedicada às crianças. Segundo Anna Home, diretora da Televisão Infantil da BBC (Londres), o orçamento da programação infantil vem diminuindo nos últimos anos e animações baratas estão enchendo as telas. O problema, segundo ela, é que também a televisão infantil é cada vez mais vista como um mercado,

patrocinada e dominada pelos anunciantes, em vez de ser a oportunidade dourada para se chegar às crianças, estimulá-las, informá-las e ir ao encontro de sua enorme criatividade e empatia (Nilsson, 1999, p18-19)

A regulamentação de horários e programas infantis, como proposto pelo Projeto de Lei da OAB-PR, poderá vir a contribuir para diminuir, em parte, o efeito negativo destas programações. No entanto, é fundamental que os pais, professores, agentes educacionais, enfim, todos os responsáveis pela formação moral e ética das crianças estejam atentos para a nocividade destes efeitos e busquem oferecer a elas atividades alternativas de entretenimento e lazer, evitando deixar seus filhos ou alunos, expostos à péssima programação existente.

Além disso, enquanto estas crianças e adolescentes estão em frente à televisão ou vídeo game, não estão brincando, sozinhas ou em grupo, atividade esta essencial para o desenvolvimento saudável da espécie humana (Bomtempo, 1986; Carneiro, 1995; Elkonin, 1998). Estes pesquisadores colocam que o brincar é de fato a coisa mais importante na vida da criança, especialmente na primeira infância. A medida que a criança vai jogando, se põe em contato com as coisas e aprende suas qualidades e defeitos. Além disso, o jogo é entendido como um elemento de cultura, onde a criança aprende sobre o seu cotidiano, suas regras e papéis. Os papéis representados na televisão, de uma forma geral, são estereotipados, exagerados, distorcidos, além de se referirem a uma outra cultura – a americana, que por muitas razões difere da nossa – a brasileira.

A televisão é educativa, certamente. Devemos estar atentos para o que ela esta ensinado. Há mais sexo, estupro, violência, adultério, na televisão que na vida real, segundo Strasburger (1999). Os pais ou educadores devem discutir com os filhos ou educandos sobre o conteúdo do filme assistido, procurando levantar outras alternativa, não violentas, para o problema apresentado. Conversando, passamos a refletir sobre valores e ações e certamente construímos uma relação educativa de melhor qualidade.

A questão crítica, aqui, é como conciliar a liberdade de expressão, preciosa e fundamental, estabelecida no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e com maior ênfase colocada no artigo 13 da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, com formas de combater a violência e o sexo na mídia (Yushkiavitshus, 1999). O artigo 13 declara:

“A criança terá direito à liberdade de expressão; este direito inclui liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independentemente de fronteiras, seja oral, escrita ou impressa, na forma de arte ou através de qualquer outro meio de escolha da criança ...”

Porém, por outro lado, os pais devem considerar o nível de desenvolvimento da criança e verificar a sua capacidade para tomar decisões, quando estas decisões podem implicar em escolhas prejudiciais ao seu crescimento normal e saudável.

A exigência de melhor qualidade dos programas infantis e horários apropriados para que os programas de adultos sejam exibidos deve estar entre as prioridades do cidadão responsável por uma geração com mais ética e moral. Principalmente, esta iniciativa deve vir da família. Uma mãe americana preocupada com o papel que a televisão ocupava em sua família “quebrou” propositadamente o aparelho por uma semana buscando alterar assim as relações familiares já estabelecidas em volta da televisão. Para sua surpresa e contentamento, após uma semana sem televisão ela observou que um de seus filhos havia começado a praticar piano, a outra filha lia revistas e ambos brincavam juntos, criando novas formas de brincar. À noite, ao jantar eles conversavam, depois ouviam música, liam e, então, perceberam que a vida continuava independentemente da televisão. As semanas se passaram sem que a família sentisse falta da televisão. Hoje em dia removeram o aparelho para a garagem e acostumaram-se a ler mais, ouvir rádio, ir ao cinema, assistir a jogos e falar sobre si mesmo e perceberam, sobretudo, quanto tempo a mais eles tinham para conviver (Richards & Sandy, 2000, p 45).

Referências

- Auletta, K. (1993). What won't they do? *The New Yorker*, 69, 45-63.
- Bandura, A (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1994) Social cognitive theory of mass communication. In J. Bryant & D. Zilmann (Eds), *Media effects: Advances in theory and research* (pp. 61-90). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Berkowitz, L., & Rawlings, E. (1963). Effects of film violence on inhibitions against subsequent aggression. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 405-412.

- Bomtempo, E. (1986). *Psicologia do Brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Carlsson, U. & Feilitzen, C. von (orgs.)(1999). *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil.
- Carneiro, M.A.B. (1995). Aprendendo através da Brincadeira. *Revista da Associação Nacional de Educação ANDE*, Ed Cortez, 21: 27-31.
- Centerwall, B.S. (1992a). Children, television, and violence. In D. F. Schwartz (Ed.), *Children and violence* (pp. 87-97). Columbus, OH: Ross Laboratories.
- Centerwall, B.S. (1992b). Television and violence: The scale of the problem and where to go from here. *Journal of American Medical Association*, 267, 3059-3063.
- Cline, V.B., Croft, R. B., & Courier, S. (1973). Desensitization of children to television violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 450-458.
- Comstock, G., & Strasburger, V. C. (1990). Media Violence: Q & A. *Adolescent Medicine: State of the Art Reviews*, 4, 495-509.
- Dominick, J. R., & Greenberg, B. S. (1972). Attitudes toward violence: The interaction of television exposure, family attitudes and social class. In G. A. Comstock & E.A. Rubinstein (Eds), *Television and social behavior: Vol. 3. Television and adolescent aggressiveness* (pp. 314-335). Washington, DC: U.S. Government Printing Office.
- Drabman, R. S., & Thomas, M. H. (1974). Does media violence increase children's toleration of real-life aggression? *Developmental Psychology*, 10, 418-421.
- Ellis, G. T., & Sekrya, F. (1972). The effect of aggressive cartoons on the behavior of first grade children. *Journal of Psychology*, 81, 37-43.
- Elkonin, D.B. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eron, L. R. (1993). *The problem of media violence and children's behavior*. New York: Henry Frank Guggenheim Foundation.
- Feilitzen, C. von (1999). Introdução. Em Ulla Carlsson & Cecelis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 49-60..
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (1987). The sexual scripting of oral genital contacts. *Archives of Sexual Behavior*, 16, 1-25.
- Gerbner, G. (1985). Children's television: A national disgrace. *Pediatric Annals*, 14, 822-827.

- Gerbner, G., Gross, L., Morgan, M., & Signorielli, N. (1994). Growing up with television: The cultivation perspective. In J. Bryant & D. Zillmann (Eds.) *Media effects: Advances in theory and research* (pp. 17-41). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gomide, P. C. (2000). Efeitos de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Revista: Psicologia Reflexão e Crítica*, 13 (1), pp. 127-141.
- Greenberg, B. S. (1982). Television and role socialization: An overview. In D. Pearl, L., Bouthilet, & J. Lazar (Eds.), *Television and behavior: Ten years of scientific progress and implication for the eighties* (Vol.2, pp. 179-190). Rockville, M: National Institute of Mental Health.
- Gunter, B. (1994). The question of media violence. In J. Bryant & D. Zillmann (Eds.) *Media effects: Advances in theory and research* (pp. 17-41). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Hawkins, R. P., & Pingree, S. (1982). Television's influence on social reality. In D. Pearl, L., Bouthilet, & J. Lazar (Eds.), *Television and behavior: Ten years of scientific progress and implication for the eighties* (Vol.2, pp. 179-190). Rockville, M: National Institute of Mental Health.
- Huesmann, L. R. (1982). Television violence and aggressive behavior. In D. Pearl, L., Bouthilet, & J. Lazar (Eds.), *Television and behavior: Ten years of scientific progress and implication for the eighties* (Vol.2, pp. 179-190). Rockville, M: National Institute of Mental Health.
- Huesmann, L. R. (1986). Psychological process promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues*, 42, 125-139.
- Kodaira, S. I. (1999). Uma análise da Pesquisa sobre violência na Mídia no Japão. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 93-123.
- McIntyre, J. J., & Teevan, J. J., Jr. (1972). Television violence and deviant behavior. In G. A. Comstock & E.A. Rubinstein (Eds), *Television and social behavior: Vol. 3. Television and adolescent aggressiveness* (pp. 314-335). Washington, DC: U.S. Government Printing Office.

- Merlo-Flores, T. (1999) Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentina. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil.
- Moganstein, J. (1972, February 14). The new violence. Newsweek.
- Nilsson, N. G. (1999) As crianças merecem Qualidade. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 17-21.
- Richards, J. C. & Sandy, c. (2000) Passages: An upper-level multi-skills course. Student Book 2. (p 45). Cambridge University Press: NY.
- Roberts, E. J. (1982). Television and sexual learning in childhood. In D. Pearl, L., Bouthilet, & J. Lazar (Eds.), *Television and behavior: Ten years of scientific progress and implication for the eighties* (Vol.2, pp. 179-190). Rockville, M: National Institute of Mental Health.
- Silverman-Watkins, L. T. (1983). Sex in the contemporary media. In J. Q. Maddock, G. Neubeck, & M.B. Sussman (Eds.), *Human sexuality and the family* (pp. 125-140). New York: Haworth.
- Strasburger, V.C. (1999). Os adolescentes e a mídia: Impacto Psicológico. Porto Alegre: Artmed.
- Wartella, E., Olivarez, A. & Jennings, N. (1999). A criança e a violência na televisão nos EUA. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 61- 91.
- Wilson, B. J., Kunkel, D., Linz, D., Potter, W. J., Donnerstein, E., Smith, S. L., Blumenthal, E., Berry, M. & Federman, J. A natureza e o contexto da violência na televisão americana. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 71-91.
- Yushkiavitshus, H. (1999). Crianças, Mídia e Violência. Em Ulla Carlsson & Cecilis von Feilitzen (orgs.) *A criança e a violência na mídia*. Cortez Editora: Brasília: Brasil, pp 15-16.

Notas do Autor

Paula Inez Cunha Gomide, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Agradecimentos especiais aos alunos Andre del Omo e Andressa Sperancetto, bolsistas do Pibic-CNPq, pela coleta e tabulação dos dados. E às alunas Ana Paula Babisz, Adriana Medeiros, Juliana L. Pintarelli, Katy V. Maurer, Natallie Mansilla, Veronika Rakko pela tabulação dos dados.

A correspondência para este artigo poderá ser enviada para pgomide@onda.com.br

Tabela 1. Concentração das HS/TV semanais por classe social

HS/TV semanais	CLASSE A	CLASSE B
Até 30 HS/TV	331 (75,22%)	231 (60%)
De 31 a 70 HS/TV	109 (24,77%)	154 (40%)
Total	440	385

Tabela 2. Programas de TV preferidos pelos participantes.

1º Fantástico(23%)	6º Simpsons(13%)
2º Programa “H”(22%)	7º Chiquititas(13%)
3º Casseta e Planeta (21%)	8º Xuxa(11%)
4º Ratinho(21%)	9º Domingo Legal(10%)
5º Angel Mix(15%)	10º Andando nas Nuvens(10%)

Disponível em:<<http://www.softsell.com.br/psico/comentarios/ArtigoTV29pg.doc>> Acesso em.: 12 nov. 2007.